

HISTÓRIA, LITERATURA E CIDADE¹

Clarismar Gomes de Abreu
Universidade Federal de Goiás
Comunicação Livre
Cultura e processos educacionais

Nesta comunicação faremos algumas considerações acerca da relação possível entre História, Literatura e Cidade. Não concordamos com enunciações que jogam os livros de História e Literatura na mesma estante, como se fossem iguais. Entretanto, acreditamos na existência de encontros que permitem ao Historiador recuperar experiências passadas em espaços-tempos, tais como a cidade. Concordamos com Sandra Jatahy Pesavento, quando afirma que a cidade é materialidade, sociabilidade e sensibilidade. Segundo Ela, existe uma cidade fruto do pensamento. Tal posicionamento se firma na opção por adotar a literatura como lugar de observação do passado e no entendimento da história como uma narrativa de verossimilhança que almeja o real vivido. Essas concepções de materialidade, sociabilidade e sensibilidade se inter-relacionam e se interpenetram. Entretanto, as sensibilidades acerca das demais concepções revelam essa cidade fruto do pensamento, onde os viventes refletem sobre as demais componentes. Desta maneira, a literatura nos possibilita, a partir da trama envolvendo personagens e narradores quando refletem sobre a cidade, que recuperemos esse pensar, bem como a materialidade e sociabilidade que talvez esteja apagada.

Palavras-chave: História, Literatura, Cidade.

A cidade é um campo de observação do social rico em possibilidades. Destaca-se a capacidade de aglutinar uma multiplicidade de formas e de sensibilidades acerca da experiência humana. A cidade de Goiânia se apresenta como um rico campo de observação nesse sentido, por ser exemplo de como uma cidade não cabe apenas nos esquadros ou rabiscos do planejamento, apesar de seguir algumas dessas orientações. Quero dizer, diferentemente de espaços que surgem sem um planejamento ou idealização e se moldam conforme a experiência que acontece nesse espaço, em Goiânia, antes de sua construção, ocorreu um planejamento precedido por uma idealização. Contudo, a cidade perdeu esses traços idealizados e planejados justamente quando se materializa, isto é, quando transcende da prancheta para a terra vermelha. O que fez isso se perder foi nada mais que a experiência humana que em sua multiplicidade não coube nos esquadros de uma cidade planejada para ser lócus do moderno e do progresso.

Para perceber de que forma foi a experiência humana de viver numa cidade em construção, e tentar recuperar as sociabilidades que permearam a cidade e quais questões se apresentavam para as pessoas naquele momento histórico, acreditamos que a literatura é uma fonte que nos permite captar essa experiência humana em determinado espaço-tempo. Acrescenta-se ainda, o fato de que a literatura nos permite perceber a multiplicidade do humano, seja em suas inconclusões, conclusões ou contradições.

Concordamos com Pesavento, quando afirma que a cidade é materialidade, sociabilidade e sensibilidade. Nossa atenção principal neste trabalho será para o que Ela

¹ Este trabalho é parte de uma pesquisa em desenvolvimento sobre o romance *Chão Vermelho*, de Eli Brasiense.

define como *cidade fruto do pensamento*. Tal posicionamento se firma na opção por adotar a literatura como lugar de observação do passado e no entendimento da história como uma narrativa de verossimilhança que almeja o real vivido.

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. É, sobretudo, essa dimensão da sensibilidade que cabe recuperar para os efeitos da emergência de uma história cultural urbana: trata-se de buscar essa cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais “reais” à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto. (PESAVENTO, 2007: 14)

A autora concebe materialidade, sociabilidade e sensibilidade comungando um mesmo lugar no espaço-tempo. Essas concepções se inter-relacionam e se interpenetram, entretanto, quando da captura destas, a percepção das sensibilidades acerca das demais revela essa cidade fruto do pensamento, onde os viventes refletem sobre si e as demais componentes, propiciando um entendimento mais próximo do “real”.

Tentaremos alcançar tais cidades a partir de uma representação literária dela. A literatura nos possibilita, a partir das personagens e narradores ao pensarem e sentirem a cidade, recuperar esse pensar, bem como a materialidade e sociabilidade apagada. Como poderemos observar na distinção sócio-espacial que percebemos na literatura. Tal fenômeno de apagamentos de rastros pode ser explicado pelas mudanças que ocorrem nessa materialidade:

Ora, no caso da cidade passada, por vezes esses rastros – para usar a feliz expressão de Ricoeur – nem sempre estão aparentes, como pegadas a guiar os passos e o olhar do historiador. Com frequência, a transformação do espaço foi de tal ordem, a modernidade implantada tão avassaladora que apagou do espaço materialidade e sociabilidades do passado. (PESAVENTO, 2007: 16)

A literatura revela uma cidade verossímil, permitindo ao historiador se aproximar de cidades passadas e da experiência humana nessas cidades, afinal

Quem duvidaria, por exemplo, da capacidade de um Balzac, Zola, Maupassant, Eça de Queirós, Charles Dickens, Lima Barreto ou Machado de Assis para falar de suas cidades pela via literária? As tramas são imaginadas, os personagens são fictícios, mas o universo do social e a sensibilidade de uma época se revelam diante do leitor de maneira verossímil, convincente. Uma explicação da realidade, realista ou cifrada, realiza-se em comunhão entre o mundo da escrita e o da leitura. Poder-se-ia pensar uma Paris da belle époque, por exemplo, sem que o mundo de Proust fosse ativado? Ou uma São Petersburgo dos czares sem a escrita de Dostoiévski ou Tolstói? E, no terreno da poesia, como não invocar a Paris por Baudelaire, a Buenos Aires por Jorge Luís Borges ou a Porto Alegre por Mário Quintana? (PESAVENTO, 2007: 19)

Segundo Sevcenko na literatura também estão presentes as tensões existentes na sociedade, tendo em vista que a literatura moderna

É por onde o desafiam também os inconformados e os socialmente mal-ajustados. Essa é a razão por que ela aparece como um ângulo estratégico notável, para a avaliação das forças e dos níveis de tensão existentes no seio de uma determinada estrutura social. Tornou-se hoje em dia quase que um truísmo a afirmação da interdependência estreita entre os estudos literários e as ciências sociais. (SEVCENKO, 1999: 20)

Nessas tensões notamos fragmentos e multiplicidades da cidade, de forma que a literatura ao trazer tais sensibilidades aponta para a existência de uma cidade múltipla e não homogênea. Seria então a literatura um espaço que recebe nas linhas da escrita as inquietações vividas ou sofridas pelos autores em determinado momento. Segundo Matos,

Contemporaneamente, percebem-se no cotidiano da cidade as tensões urbanas que emergem vivenciadas de forma fragmentada e diversificada por seus habitantes, o que contrasta com as representações nos estudos acadêmicos, técnicos e nas fontes oficiais, nos quais a cidade se apresenta como unidade; na realidade, a cidade se mostra múltipla.

As tensões urbanas surgem como representações do espaço – suporte de memórias contrastadas, múltiplas, convergentes ou não, mas que delineiam cenários em constante movimento, em que esquecimentos e lacunas constroem redes simbólicas diferenciadas. Discursos diversos fazem da cidade lugar para se viver, trabalhar, rezar, observar, divertir-se, misturando-se os laços comunitários e étnicos, criando espaços de sociabilidade e reciprocidade, no trabalho e no lazer, em meio às tensões historicamente verificáveis. (MATOS, 2002: 34-35)

Tais tensões e contrastes presentes na literatura evidenciam uma pluralidade compondo a cidade, opondo-se as visões que tentam tratar a cidade como uma unidade coesa. Ao contrário dessas, as imagens se cruzam, o que não significa se excluírem. Para Pesavento,

A cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros. (PESAVENTO, 2002: 9)

Percebendo a cidade em sua multiplicidade, enxergamos um lugar plural, um lugar de ambivalência, um lugar onde

Ela é, por um lado, luz, sedução, Meca da cultura, civilização, sinônimo de progresso. Mas, por outro lado, ela pode ser representada como ameaçadora, centro de perdição, império do crime e da barbárie, mostrando uma faceta de insegurança e medo para quem nela habita. São, sem dúvida, visões contraditórias, de atração e repúdio, de sedução e rechaço, que, paradoxalmente, podem conviver no mesmo portador. Essa seria até, como lembra Marshall Berman, uma das características da modernidade como experiência histórica individual e coletiva: a postura de celebração diante do novo, que em parte exerce fascínio e em parte atemoriza. (PESAVENTO, 2002: 19)

Para tentar alcançar essa cidade lugar de ambivalência, multiplicidades e tensões, recorreremos a um romance que ainda não mereceu uma atenção específica acerca dele, no sentido de promover uma abordagem sócio-histórica acerca da sua narrativa. Existem estudos que trazem referência ao romance, mas notamos a carência de um estudo específico sobre de que forma este pode contribuir e enriquecer a captura da experiência humana na cidade de Goiânia. Trabalharemos com o romance *Chão*

Vermelho, escrito por Eli Brasiense na década de 50 do século passado e em 1956 publicado pela Livraria Martins Editora.

O autor do romance, Eli Brasiense, se mudou para Goiânia quando do primeiro congresso de educação do Estado de Goiás, em 1937. Nasceu em 18 de abril de 1915 na cidade de Porto Nacional e faleceu em 1997, em Goiânia. Segundo classificação de Almeida, o romance *Chão Vermelho* compõe o ciclo citadino das publicações do autor:

Para enumerar suas obras podemos estabelecer ciclos aos quais elas se prendem:

a) ciclo do norte ou do Tocantins: *Pium* (1940); *Bom Jesus do Pontal* (1954); *Rio Turuna* (1964); *Uma Sombra no Fundo do Rio* (1971); *O Irmão da noite* (1968).

b) ciclo citadino: *Chão Vermelho* (1956)

c) ciclo filosófico: *O Perereca* (1973); *O Grão de Mostarda* (1969); *A Morte do Homem Eterno* (1970); *A Cidade Sem Sol e Sem Lua* (1977); *Bilhete à Minha Filha na Noite de Natal* (1982). (ALMEIDA, 1985: 17)

Apesar do romance *Chão Vermelho* pertencer ao ciclo citadino não deixa de promover relações com temas alheios a cidade, mas sempre, conforme Almeida, se prendendo na cidade. Neste trabalho abordaremos estes aspectos que ultrapassam a cidade por acreditarmos que tal ultrapassagem ocorre justamente porque ao tentar compreender a cidade muitas vezes é preciso não olhar apenas para si, bem como observar onde esse si também olha tentando se ver.

O romance é ambientado na cidade de Goiânia, ou conforme Nelly Alves de Almeida “*a maior personagem é a cidade nascente, que reúne, em torno de seu surgimento, toda a vida que a levanta e agita.*” (BRASILIANSE, 2002: 33). Para Anatole Ramos, o livro seria “*um guia de Goiânia daqueles tempos*”, que ainda pode ser visualizada:

Mas ainda a visualizamos em muitos de seus trechos. Nos protestos do autor contra a exploração daquele tempo, nas críticas feitas aos novos-ricos, nos ataques velados aos políticos da época (os mesmos de agora, parece) é que vemos o quanto Goiânia pouco mudou intimamente, apesar de haver crescido e assumido o corpo de cidade grande. (BRASILIANSE, 2002: 34)

Segundo Heloísa de Campos Borges, o romance mostra o “*drama existencial da cidade e do sertão*”, onde o romance *Chão Vermelho* seria

A construção literária do nascimento da cidade de Goiânia. Seguindo ações e sentimentos das suas personagens, o leitor pode acompanhar as peripécias da fundação de uma cidade: o trabalho, a esperança, as decepções. (BRASILIANSE, 2002: 35)

Nesse sentido, Oliveira reforça o caráter privilegiado da literatura para compreensão da cidade e em que medida esta se diferencia de trabalhos acadêmicos e trabalhos carregados de intenções mudancistas:

Não há uma imagem antitética entre Goiânia e a cidade de Goiás, não há um otimismo exagerado em relação ao futuro, não há referências à figura do interventor, nem à Revolução de 30. E o que é mais importante para este trabalho: não há uma tentativa de esconder, nem de resolver a ambiguidade que permeia a vida cultural da cidade. (OLIVEIRA, 1999: 219)

Quanto a essa ambiguidade presente, Oliveira acrescenta que “*não há, em nenhum dos romances, uma definição da cidade que vale para todos – cada imagem é uma definição de uma personagem específica.*” (OLIVEIRA, 1999: 219). E dentre essas personagens que possuem pensamentos contraditórios e muitas vezes ambíguos entre si, e mesmo uma confusão interior, podemos notar no romance de Eli uma característica onde as personagens são pontas em uma divisão implícita, mas presente, entre heróis e anti-heróis. Chiappini assim trata da questão:

Há personagens que se encaixam no paradigma dos atributos positivos e outros no paradigma dos atributos negativos, ou seja heróis e anti-heróis. Sobre os heróis recai a “tinta emocional”. Por oposição, o anti-herói é representado por todo elemento estranho ao meio, o forasteiro, os exploradores da terra e do homem da região” (citado por PEREIRA, 2002: 8)

Acreditamos desta maneira, na pertinência de abordar o romance, sabemos que a literatura não deixa de ter suas propostas além estética, ou seja, o fato de trazer heróis e anti-herói de alguma forma evidencia uma proposta presente no romance. O que cabe ser observado não como impeditivo, mas como estímulo, haja vista que se a intenção subjaz na literatura é significativo de uma sensibilidade percebida no sentido de promover essas mudanças. Isto é, quando se separa heróis e anti-heróis se intenta afirmar o heroísmo daqueles pintados como tal. A nosso ver, o romance não se descaracteriza por isso, ao contrário, traz para a tela da história detalhes ainda não visualizados pelo historiador.

Esses detalhes revelados no romance nos permitem perceber uma cidade heterogênea, múltipla, ambivalente, contraditória ou lugar de diferenças. São palavras que podem definir a cidade percebida no romance. O romance *Chão Vermelho* nos possibilita encontrar a cidade e seus atores sociais. Mostrando pontos de vista que se contrapõem a muitos dos debates em torno dos quais giravam as discussões acerca da cidade.

Acreditamos que o romance revela uma sensibilidade acerca da cidade onde habitavam as personagens. Apesar de revelar uma multiplicidade o ponto de sustentação do romance é o mundo operário e os momentos em que as pessoas inseridas direta e indiretamente nesse mundo perpassam pelos demais mundos da cidade. Percebemos com nitidez que se tratava de uma sociedade que se percebia diferente. A cidade era marcada por fronteiras simbólicas que dividiam os viventes da cidade. Fronteiras essas nascidas desde a origem da cidade, sendo nítido no romance que não havia, em regra, uma comunhão entre aqueles que estavam no mundo operário da construção civil e os que se postavam como seus patrões. Senão em relações laterais ou de camaradagem, não percebemos uma relação estreita entre patrões e empregados. Esse aspecto é intenso no correr do romance e a sua intensidade, a nosso ver, revela muito da cidade, por isso optamos por destacar esse debate.

O primeiro ponto é que não havia uma harmonia geral na cidade. É impossível afirmar que não existiam distinções sociais e espaciais. A separação espacial revela materialmente uma divisão presente nas formas de sociabilidade e nos sentimentos das personagens. Pudemos perceber que tais divisões se faziam sensíveis ao olhar das personagens.

Observamos que a cidade não deixa de apresentar características associadas ao moderno e ao progresso. Entretanto, durante o romance, tais questões não são a pauta do dia. São perceptíveis, o que revela sua presença, ora desejada e vivida, ora vivida e indesejada, ora indesejada e não vivida. Pudemos perceber a forma que transitavam características modernas e seu contrário, naquela sociedade. Percebemos assim, a

incapacidade de delimitar uma definição uma de cidade, como sendo moderna ou não moderna. Aqui observamos o quanto lidar com a literatura foi enriquecedor nesse sentido. Afinal, grande parte dos estudos que se dedicam à tratar da cidade de Goiânia em seus anos iniciais, pretendem responder se Goiânia seria moderna ou não? Chamo tal indagação de uma proposição excludente, tendo em vista que as possibilidades de respostas são excludentes, ou seja, é uma ou a outra. Acreditamos na pertinência de mudar a composição desta indagação. Pensando assim em outra possibilidade de interrogação que terá como resposta uma proposição includente, ou seja, isto e aquilo ao mesmo tempo. Afinal a resposta começa pela pergunta. Há situações onde não é possível definir uma homogeneidade compositora de uma realidade tal. Podemos então dizer que tais situações includentes são exemplos de ambivalência na trama histórica. Conforme pudemos observar no romance transitava pela cidade estas características múltiplas sobre o humano e o espaço urbano.

Essas contradições perpassam todo o romance e revelam de que forma a cidade é também um espaço de exploração do humano. Acreditamos que essas contradições fazem parte de uma leitura do romance como além do desejo de representar a cidade. Quero dizer, as linhas do romance não são apenas formas da cidade vivida, são também representações, mesmo que não presentes fisicamente, mas desejosas de o serem. Nesse sentido, quando o romance apresenta uma cidade e sociedade marcadas por algumas críticas não está encerrando a discussão ali.

Podemos observar no romance essas contradições em torno do humano que se assentavam na cidade e que algumas personagens corporificando e corroborando os pensamentos do narrador criticavam, mesmo que de formas aparentemente sutis. O último parágrafo do romance, quando o narrador exterioriza os pensamentos de Joviano refletindo sobre a metáfora da cidade como uma amada infiel, a nosso ver, revelaria uma não desistência. Revelando que apesar do que aconteceu em todo o romance, apesar das desigualdades gritantes perceptíveis na cidade, ele não desistira. Afinal, ainda assim, talvez para mediar existissem momentos de felicidade durante o romance.

Essa não desistência, que estabelece tipos ideais que deveriam ser seguidos em oposição a tipos ideais que deveriam ser afastados, revela os caminhos a serem seguidos. Contudo, o romance aponta que ele em si não é capaz de equacionar estas questões exatamente porque a efetiva mudança não se finda no seu escrito. Tal qual a personagem Patureba nos fez perceber. Mas não se trata de ignorar a importância do debate escrito para possibilitar essas mudanças, tanto é que Alfredo reforça a importância do conhecimento como caminho para essas mudanças.

A presença destas ideias de mudança possível revelam uma percepção e desejo de mudar tal situação desconfortante diante um mundo que parecia querer engolir as personagens, inserindo-as em sua dinâmica, que é criticada ao nosso ver. Não é um livro panfletário, mas não deixa de trazer suas mensagens e críticas acerca de um desconforto vivido pelas personagens e narrador que se veem acuados pelo avanço capitalismo e sua coisificação do humano.

Desta forma, Eli Brasiliense, traz uma cidade que era experiência humana e não apenas conceitos acerca do social. Possibilitando perceber algumas das angústias que envolviam as personagens e a si mesmo naquele momento histórico. Experiências essas marcadas pela experiência da incerteza que definitivamente começava adentrar a cidade, como é observado com a morte de Dona Fia, base importante de sustentação durante a narrativa da personagem Joviano, que ainda assim, não desistiria e continuava a assuntar e viver a cidade.

Notamos ao fazer a leitura do romance a possibilidade de aproximar História e Literatura a fim de alcançarmos uma melhor visualização das experiências e

sensibilidades situadas na cidade de Goiânia em seus anos iniciais, que é a datação do romance escrito por Brasiliense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Cristiane Roque de. *História e Sociedade em Bernardo Élis: uma abordagem sociológica de O Tronco*. Goiânia: UFG. 2003 (dissertação de mestrado)
- ALMEIDA, Nelly Alves de. *Estudos Sobre Quatro Regionalistas*. Goiânia: UFG. 1968.
- _____. *Presença Literária de Eli Brasiliense: estudo crítico-histórico-biográfico : seleção de textos : notas explicativas*. Goiânia: UCG, 1985.
- ARRAIS, Cristiano Pereira Alencar. *Identidade e cidades de fronteira, um estudo sobre a construção de Goiânia a partir do conceito de momento de fronteira*. Goiânia: UFG. 2003. (dissertação de mestrado)
- _____. *Projeções urbanas - Um Estudo sobre as Formas de Representação e Mobilização do Tempo na Construção de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília*. Belo Horizonte: UFMG. 2008. (tese de doutorado).
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.
- _____. *Trabajo, Consumismo y nuevos pobres*. Barcelona: editora Gedisa. 1999.
- BERNARDES, Genilda D'Arc. *Construtores de Goiânia: O cotidiano no mundo do trabalho*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1989. (dissertação de mestrado)
- BOTELHO, Tarcisio Rodrigues. *Goiânia: cidade pensada*. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.
- BRASILIANSE, Eli. *Chão vermelho*. Goiânia: IGL, AGEPEL. 2002. (Coleção Karajá)
- CAMPOS, Itaney Francisco. *Notícias históricas do bairro de campinas*. Goiânia: Prefeitura de Goiânia. 1985.
- CERTEAU, Michael de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002.
- CHAUL, Nasr N. Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia : UFG, Centro Editorial e Gráfico. 1988. (Documentos goianos; ; n.17).
- _____. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia. Ed. da UFG. 1997.
- CRUZ, Claudio. *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS / IEL. 1994.
- FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. *Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível: uma contribuição para a história da medicina em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG. 1999.
- GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *Goiânia: uma modernidade possível*. Brasília: Ministério da Integração Nacional: UFG. 2002. (Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas)
- GIUCCI, Guillermo. *A vida cultural do automóvel - percursos da modernidade cinética*. São Paulo: Editora Civilização Brasileira. 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JARY, Marcus. *Futebol, Sociabilidade e Psicologia de Massas: Ritos, Símbolos e Violência Nas Ruas De Goiânia*. Pensar a Prática 10/1: 99-115, jan./jun. 2007
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 1992.
- LIMA, Nísia Trindade; INSTITUTO UNIVERSITARIO DE PESQUISAS DO RIO DE JANEIRO. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM: Revan, 1999.

- MACHADO, Lacy Guaraciaba. *O Narrador em Eli Brasiliense: uma voz entocaiada*. Goiânia: UFG. 1989. (Dissertação de Mestrado)
- MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1996.
- MARTINS, J. de Souza. Fronteira. *A degradação do outro no confins do humano*, São Paulo: Hucitec, 1997.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC. 2002.
- MELO, VICTOR ANDRADE DE. *O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908)* in: Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 30, n. 1, p. 187-203, set. 2008.
- MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: REVISTA DOS TRIBUNAIS. 1938.
- OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. *Imagens e mudança cultural em Goiânia*. Dissertação de Mestrado UFG. 1999.
- PEREIRA, Isabel Cristina Auler. “*Corpo Fechado*”: símbolo de resistência no sertão em pium e uma sombra no fundo do rio de Eli Brasiliense. Brasília: UNB. 2002. (Dissertação de Mestrado).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História, 2007, vol.27, n. 53
- _____. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2002.
- PREFEITURA DE GOIANIA. *Memória cultural; ensaios da historia de um povo*. Goiânia: Editora e gráfica ipiranga. 1985.
- REVISTA OESTE*. Goiânia, 1983 (Ed. fac-similiar)
- RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes*. Ed. da UCG, 2004.
- RUSEN, Jorn. *Razão histórica: teoria da historia: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- SABINO JR, Oscar. *Goiânia documentada*. São Paulo: EDIGRAF. 1960.
- SAGLIO-YATZIMIRSKY, Marie-Caroline. *A comida dos favelados*. In Estudos Avançados. 2006, vol.20, n.58, pp. 123-132.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense. 1999.
- _____. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: companhia das letras. 1992.
- SILVA, Ana Lucia da. *A revolução de 30 em Goiás*. Goiânia: AGEPEL. 2001.
- UNES, Wolney. *Identidade art decó de Goiânia*. São Paulo: ateliê editorial; Goiânia: editora da UFG. 2001.
- WIEDERHECKER, Clyce Louise; CHAVES, Elza Guedes; PEREIRA, Luís Araújo Pereira. *Memória social de trabalhadores da construção de Goiânia*. Cadernos. Nº 02 V. 1. Goiânia: 1987.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

